

ENTRE SILÊNCIO E NEGAÇÃO: PÚBLICOS E OPINIÃO PÚBLICA NA CRISE CLIMÁTICA

BETWEEN SILENCE AND DENIAL: PUBLIC AND PUBLIC OPINION IN CLIMATE CRISIS

ENTRE SILENCIO Y NEGACIÓN: PÚBLICOS Y OPINIÓN PÚBLICA EN LA CRISIS CLIMÁTICA

Laura Nayara Pimenta ¹
lanapi05@gmail.com

Márcio Simeone Henriques ²
simeone@ufmg.br

RESUMO

A partir das teorias sobre públicos, buscamos compreender como determinados agrupamentos adotam e expressam publicamente atitudes negacionistas, influenciando a formação da opinião pública. Exploramos a negação não só como um mecanismo coletivo no qual determinados públicos deliberadamente evitam reconhecer evidências amplamente estabelecidas e silenciam sobre elas. Tratamos também de outras formas na expressão ativa dos públicos, como o menosprezo e o descomprometimento. O estudo é conduzido por meio de uma abordagem exploratória, com base em pesquisa bibliográfica e documental, para examinar as manifestações negacionistas dos públicos, tomando como caso exemplar as questões ligadas às mudanças climáticas. Para compreender esse fenômeno, é essencial considerar as complexas interações que moldam as dinâmicas sociais.

Palavras-chave: Negacionismo. Crise Climática. Opinião Pública.

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Alagoas.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais.

ABSTRACT

Drawing on theories about publics, we seek to understand how certain groups adopt and publicly express denialist attitudes, influencing the formation of public opinion. We explore denial not only as a collective mechanism in which certain audiences deliberately avoid and remain silent about evidence that has been deliberately examined. We also address other forms of active public expression, such as disregard and disengagement. The study uses an exploratory approach, based on bibliographic and documentary research, to examine public's denialist manifestations, taking issues related to climate change as an exemplary case. To understand these characteristics, it is essential to consider the complex interactions that shape social dynamics.

Key words: Denialism. Climate Crisis. Public Opinion.

RESUMEN

Partiendo de teorías sobre las audiencias, buscamos comprender cómo ciertos grupos adoptan y expresan públicamente actitudes negacionistas, influyendo en la formación de la opinión pública. Exploramos la negación no sólo como un mecanismo colectivo en el que ciertas audiencias evitan y silencian deliberadamente la evidencia que ha sido examinada deliberadamente. También abordamos otras formas de expresión pública activa, como la indiferencia y la desconexión. El estudio utiliza un enfoque exploratorio, basado en investigación bibliográfica y documental, para examinar las manifestaciones negacionistas entre las audiencias, tomando como ejemplo los problemas relacionados con el cambio climático. Para comprender estas características, es esencial considerar las complejas interacciones que configuran las dinámicas sociales.

Palabras clave: Negacionismo. Crisis climática. Opinión pública.

1 INTRODUÇÃO

Não é novidade tratar nos estudos de opinião pública de alguns fenômenos hoje nomeados como desinformação ou negacionismo. Entretanto, há que se considerar que eles assumem uma importância crescente e chamam a atenção sobre si pelos seus efeitos, tanto quanto por um conjunto de problemas que a eles associamos, quando pensamos nas interações no espaço público. A evolução das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) teve grandes impactos, representando desafios para os estudos da dinâmica dos públicos e da opinião pública, e das lógicas que compõem esses fenômenos sob o ponto de vista praxeológico, ou seja, das ações/interações no âmbito coletivo que dão os contornos de um espaço público em movimento.

Nunca é tarefa fácil compreender essas dinâmicas, que se revestem de uma complexidade sistêmica e não podem ser reduzidas a causas ou efeitos únicos ou mínimos e que se mostram no comportamento de públicos na sociedade. Aliás, pensá-las unicamente em termos de causa-efeito é uma prática redutora. Todavia, um olhar mais profundo sobre as interações em si pode ajudar a entender aspectos importantes da experiência coletiva dos públicos. Desta forma, consideramos importante tratar desses fenômenos como sendo um conjunto de práticas (a) não-redutíveis – que não podem ser decompostas e isoladas a algum elemento absoluto e (b) reflexivas – que tanto agem sobre a realidade e suas condições como são condicionadas por ela.

Perseguindo esta ideia, propomos olhar neste trabalho especificamente para o fenômeno do negacionismo. Trata-se da negação em acreditar em informações estabelecidas nos campos histórico e científico, baseadas em evidências. A Academia Brasileira de Letras³ o define como “atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam”.

O termo vem mais recentemente frequentar nosso vocabulário comum e acadêmico e já se encontra de certo modo consolidado para tratar concretamente de comportamentos dos públicos (e, generalizadamente, da opinião pública) em relação a diversos fatos e temas como as mudanças climáticas, o Holocausto, dentre outros. É inegável que posturas negacionistas ganham muito maior espaço de difusão, circulação

³ <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo>

e absorção por meio da internet e das mídias sociais digitais, por diversos motivos, o que as associam à desinformação e a uma crise epistêmica, sob o impacto de mudanças radicais nas formas de construção e disseminação do conhecimento.

Nosso olhar para o fenômeno se dá a partir das teorias sobre os públicos e a opinião pública. Consideramos que os públicos são “formas abstratas e dinâmicas de experiência e de sociabilidades que se formam em função da problematização de acontecimentos e ações que afetam os sujeitos, [...] e existem em referência tanto a outros públicos quanto às instituições” (Henriques, 2017, p. 54). Eles são dependentes tanto da percepção externa quanto da maneira como se auto-organizam, se apresentam e se afirmam publicamente (Henriques, Silva, 2022). Sob esta perspectiva, o que nos instiga é compreender como certos públicos adotam este tipo de atitude e de como buscam expressá-la publicamente, influenciar outros públicos pela generalização de suas posições em termos de formação de opinião pública.

Neste trabalho partimos da ideia de negação presente na obra “O elefante na sala”, de Eviatar Zerubavel (2006), motivados a ir além dela. Ele descreve um aspecto importante ligado a uma situação em que, apesar de todas as evidências, públicos podem se recusar a expressá-las e discuti-las publicamente. Isso acontece com frequência diante de assuntos que potencialmente causem embaraços ou consequências muito desagradáveis, e pode ser fruto de traumas, de situações muito assustadoras ou de tabus arraigados à cultura.

Este é o caso, por exemplo, da exploração sexual de crianças e adolescentes (ESCA) no Vale do Jequitinhonha, região de Minas Gerais. Ela é um assunto de que a grande maioria da população está ciente que existe, mas que poucos estão dispostos a reconhecer e debater publicamente. Seja por dinheiro ou em troca de comida ou drogas, a ESCA era uma prática visível a todos, as crianças e os adolescentes em tal situação já faziam parte da paisagem local, mas tabus sociais, negações, silêncios e relações de poder coercitivas – como aquelas estabelecidas pelo adultocentrismo, pelo narcotráfico e pelo crime organizado – intimidavam as pessoas a enfrentá-la, a denunciá-la (Pimenta, 2022; Henriques, 2019).

O que Zerubavel (2006) caracteriza como uma “conspiração de silêncio” – à qual preferimos denominar “pacto de silêncio”⁴, gera, assim, uma forma de negar a realidade. Ele chega mesmo a descrever esta forma como manifestação pública por excelência da negação: “na verdade, a forma mais pública da negação é o silêncio” (Zerubavel, 2006, p. 4, tradução nossa⁵). Entretanto, esta situação, que nomeamos aqui *desconsideração*, e os comportamentos a ela associados, não são a única forma em que se manifesta a negação da realidade. Queremos, então, explorar outras situações e possibilidades que orientem as atitudes do público diante delas, dando forma às suas expressões públicas, com o fito de expandir a compreensão da dinâmica negacionista. Assim, além da *desconsideração*, desenvolvemos a ideia de duas formas ativas de manifestação de negação pelos públicos, que são o menosprezo e o descomprometimento. A própria metáfora do “elefante na sala” – algo plenamente visível que os sujeitos deliberadamente tentam evitar – nos será útil para apresentarmos essas situações e especularmos sobre as várias nuances dessa dinâmica.

Para tanto, no presente texto realizamos um estudo exploratório, amparado por pesquisas bibliográficas (Stumpf, 2005) centradas em autores da sociologia, da psicologia e da comunicação, como Sigmund Freud, Jürgen Habermas, Stanley Cohen, Edward Bernays e, principalmente, Eviatar Zerubavel; e documentais (Moreira, 2005), da dinâmica negacionista dos públicos, a partir de três formas não exclusivas pelas quais ela se expressa: a *desconsideração*, o menosprezo e o descomprometimento. Tomamos como caso empírico os diversos argumentos ligados às mudanças climáticas presentes em relatórios, notícias e artigos científicos. É perceptível que mesmo aqueles que vivenciam eventos climáticos extremos frequentemente hesitam em reconhecer essas experiências como manifestações de tais mudanças. Embora diversas pesquisas de opinião indiquem que muitas pessoas demonstram preocupação com o tema, essa inquietação, contudo, nem sempre se traduz em ações concretas para mitigá-lo. Além disso, há quem negue sua existência ou minimize os riscos que representa para a civilização. Por isso, tal temática é bastante profícua para exemplificarmos o raciocínio ao qual nos propomos neste texto.

⁴ A este respeito ver a discussão anterior em Pimenta e Henriques (2024).

⁵ No original: Indeed, the most public form of denial is silence.

2 A REALIDADE NEGADA

Do ponto de vista individual, a negação (ou denegação) pode ser um estado psíquico descrito como um mecanismo de defesa da mente humana por meio um processo de recusa à aceitação da realidade e há muito é conhecido, especialmente a partir de um texto de Freud dedicado inteiramente a ela. Em seu artigo “A Negação” de 1925, Freud a compreende como a tomada de conhecimento do que foi reprimido (Freud, 1996). De modo geral reconhecemos no nosso cotidiano e na expressão comum que, no defrontamento com a realidade, o indivíduo recorre à negação para evitar a dor e o sofrimento, por meio de ilusões ou fantasias, entrando, ainda que temporariamente, em um “estado de negação” da realidade. Porém, a denegação, do ponto de vista psicológico, é um fenômeno complexo que compreende não somente o seu próprio conteúdo psíquico específico quanto a sua manifestação discursiva. Nesta última vertente, a linguística também se ocupa de compreendê-la sob diversos aspectos.

A negação pode ser um estágio apenas temporário de adaptação e resiliência, diante de uma realidade totalmente nova, o que é, de certo modo, um comportamento esperado. Porém, no âmbito social, o negacionismo pode ser um fenômeno de longa duração, com consequências danosas que podem afetar toda a sociedade, especialmente quando é estimulado, ou seja, infundido nos públicos. Quando utilizado como arma de propaganda política, para manipular a percepção pública e promover agendas específicas, pode erodir a confiança pública em instituições, meios de comunicação e autoridades.

É conhecido o fato de que a propaganda explora e manipula oportunisticamente estados individuais de sentimentos e comportamentos e os amplifica e reforça no âmbito coletivo (Bernays, 2005), recorrendo estrategicamente a uma comunicação sistematicamente distorcida (Habermas, 2012). O estímulo ao negacionismo nos públicos, porém, tem como consequência a geração de um ambiente de ceticismo que os desorienta, dificulta a tomada de decisões informadas por parte do poder público e dificulta a cooperação e a mobilização social.

Não ignoramos, portanto, que os comportamentos coletivos de negação são fortemente moldados por fatores políticos e ideológicos, que influenciam a percepção e a interpretação dos acontecimentos. Lideranças políticas frequentemente promovem

narrativas que negam ou distorcem realidades inconvenientes para propor suas agendas e obter vantagens. As formas de propaganda política e ideológica também desempenham papel crucial, fornecendo quadros interpretativos da realidade, envolvendo os meios de comunicação e criando ambientes de desinformação. Esses fatores não apenas moldam a opinião pública, mas também podem levar a uma polarização da sociedade, dificultando o consenso e a ação coletiva em questões críticas, como as mudanças climáticas.

Interessa-nos aqui, então, a experiência do negacionismo como fenômeno coletivo de opinião pública, formado basicamente pelas conversações ordinárias. Sob esta perspectiva, a negação de fatos e evidências é um fator que podemos considerar trivial na constituição do espaço público e dos próprios públicos a partir de controvérsias que tomam uma dimensão coletiva visível. Ou seja, como assumimos que a formação e movimentação de públicos se dá em controvérsia, o embate discursivo contém em si, reflexivamente, afirmações e negações, ou seja, consiste em colocar em jogo argumentos e posições que reforcem ou rejeitem aquilo que se apresenta à consideração pública. Não é problema novo, portanto, para a ciência, o fato de que vários dos seus achados e postulados sejam postos em dúvida não só em seus debates internos, mas também no que eles suscitam quando passam ao terreno da opinião pública e são tratados no nível do senso comum.

Desta forma, o eloquente silenciamento de alguns públicos, ou mesmo da maior parte deles, sobre um dado aspecto visível da realidade, como descreve Zerubavel (2006) como a metáfora do “elefante na sala”, é uma das formas pelas quais essa dinâmica de negação acontece. Ele mostra como a indiscutibilidade desse aspecto visível expressa, de algum modo, uma rejeição da própria realidade. Essa visão de comportamento coletivo não se explica tão somente pelo conjunto de comportamentos individuais. É pelas interações entre esses indivíduos, pelas suas percepções e opiniões compartilhadas, pela influência de uns sobre os outros, pela imitação, pelas suas relações com as organizações e instituições e a intervenção de inúmeras mediações é que se forma uma atitude comum e reconhecível à qual podemos aplicar a qualidade de “negacionista”. Ela reflete tanto uma predisposição a negar a existência de algo quanto tomadas de posição e ações efetivas guiadas por esta posição. Assim, como Zerubavel

(2006) destaca, há uma “estrutura social da negação”, quando a tratamos na perspectiva da comunicação no espaço público.

Ao falar de negação, Zerubavel a invoca para além do modo como foi concebida por Freud originalmente, uma noção que denota um fenômeno intrapessoal e adverte que está “especificamente interessado na sociologia da negação, em vez de uma psicologia da negação” (2006, p. 4, tradução nossa⁶). Assim, ele trata a negação tanto como fruto de esforços individuais quanto coletivos. Ele se refere ao “estado de negação” como um “desligamento quase sensorial”, que decorre da nossa necessidade de evitar a dor diante de algo perturbador que ameaça o nosso bem-estar psicológico. Nestas situações, “muitas vezes nós ativamos as comportas internas que impedem a informação perturbadora de entrar em nossa consciência” (2006, p. 5, tradução nossa⁷). Ele considera que os pactos (as conspirações) de silêncio “pressupõem a negação mútua, pela qual pelo menos duas pessoas colaboram para evitar conjuntamente o reconhecimento de algo” (idem, p. 4, tradução nossa⁸).

Cohen (2001) discorre sobre os vários estados de negação e argumenta que a decisão consciente de evitar ver coisas desagradáveis demais, protegendo-se do impacto emocional, é um dos primordiais. Como ele destaca, a negação não é somente um mecanismo psicológico ou tampouco um processo social universal. Ela envolve múltiplos estados, tanto para os sujeitos quanto para as sociedades. Mas ele indica outras formas que ela pode assumir, como a negação da responsabilidade sobre os fatos, na qual as pessoas recusam aceitar sua parte na culpa ou no envolvimento com os acontecimentos. A indiferença a fatos extremos, em que as pessoas não se preocupam em buscar informações sobre o que está ocorrendo, como no caso dos vizinhos aos campos de concentração do Holocausto, também é um estado de negação, na visão do autor. Além disso, existe o efeito do espectador passivo, em que situações de violência, por exemplo, são observadas sem qualquer intervenção. Finalmente, a negação ocorre

⁶ No original: I am specifically interested in the sociology rather than the psychology of denial.

⁷ No original: When awareness of something particularly distressful threatens our psychological well-being, we often activate inner floodgates that block the disturbing information from entering our consciousness.

⁸ No original: Conspiracies of silence presuppose mutual denial, whereby at least two people collaborate to jointly avoid acknowledging something.

quando a violência é tão extrema que as palavras perdem seu poder, dificultando a expressão ou a compreensão plena dos eventos.

Estas abordagens, no entanto, embora bem descrevam mecanismos dessa estrutura social da negação, não levam em conta as várias intervenções estratégicas que se dão no processo de construção e manutenção da influência no espaço público pelos mais variados atores, no constante embate entre públicos, mídias, instituições políticas e organizações. Consideramos então que o negacionismo, como fenômeno social no domínio da opinião pública, guarda certamente íntima correlação tanto com a denegação psíquica individual quanto com os aspectos negativos triviais componentes das argumentações em controvérsias públicas. Isso porque, como comportamento coletivo, não pode ser dissociado das sensações e emoções subjetivas, nem tampouco da experiência coletiva de públicos que manifestam e compartilham suas opiniões e atitudes a partir de qualquer elemento da realidade posto em problematização e discussão e que, assim, se influenciam uns aos outros e são constantemente influenciados estrategicamente pelos mecanismos de propaganda. São estes motores importantes para essa dinâmica.

Assim, para nosso objetivo, tratamos de considerar o negacionismo uma atitude de recusa deliberada da existência de algo (objeto ou acontecimento) apesar de todas as evidências, tal como na definição que apresentamos anteriormente. É um processo passível de ser reconhecido na expressão dos públicos, ou seja, levamos em conta de demonstração o que conseguimos perceber em termos de manifestação sistemática e tendenciosa dos públicos no espaço público.

Tomando essas reflexões como base, na próxima seção abordaremos o fenômeno da negação do ponto de vista dos públicos, também buscando compreender seus diversos estados e correlações com o pacto de silêncio.

3 VARIANTES DA EXPRESSÃO NEGACIONISTA DOS PÚBLICOS

O fenômeno da negação não envolve apenas o ato de negar. Cohen (2001) argumenta que as declarações de negação são afirmações de que algo não aconteceu, não existe, não é verdade ou não se sabe. Ou seja, o fenômeno é bem mais complexo, se manifesta em diversos comportamentos e pode se dar simultaneamente sob várias

formas. Fomos inspirados pela ideia de que o negacionismo não toma forma na opinião pública somente pela recusa à expressão dos públicos acerca de um tema, mas também se manifesta em falas de negação, ou seja, em manifestações expressas que negam a realidade factual. Em todos os casos, estamos tratando aqui de fatos e evidências (o elefante na sala) que, apesar de incontestáveis, são publicamente negados.

Diante disso, destacamos três dimensões da negação (Quadro 1) que, sem serem exclusivas, denotam diferentes nuances que têm a ver com a forma como os públicos se expressam, seja silenciando, seja falando sobre aquela realidade, com consequências para sua ação pública e para a formação de influência no quadro mais geral da opinião pública. Estamos falando, portanto, da negação como uma construção social complexa. Na linha do raciocínio de Zerubavel (2006), seguimos utilizando a metáfora do elefante na sala, mas traremos a título de evidências exemplos que coletamos de argumentos negacionistas das mudanças climáticas, os quais podem ser lidos sob esta ótica de análise das dimensões propostas.

SITUAÇÃO	FORMAS DE EXPRESSÃO DOS PÚBLICOS
Há um elefante na sala, mas fingimos que não percebemos, não o reconhecemos e evitamos falar sobre ele (Pacto de silêncio).	Desconsideração
Há um elefante na sala, mas não o problematizamos suficientemente ou o minimizamos.	Menosprezo
Há um elefante na sala, mas não é problema nosso. Não nos envolvemos ou nos comprometemos com ele.	Descomprometimento

Quadro 1 – Variantes comportamentais de negação dos públicos

Fonte: Elaborado pelos autores

A desconsideração é o típico fenômeno do que trata Zerubavel (2006), onde deliberadamente as pessoas fingem não notar o que está evidente e/ou evitam falar e reconhecer a situação. Assim, não negam propriamente o que está sendo percebido, mas, por vários motivos, é melhor desconsiderar coletivamente e não se manifestar em público sobre aquilo. Sim, há um elefante, ele está na sala, mas é melhor fingir que não o percebemos ou o reconhecemos, é melhor esquivar-se de falar sobre ele. Assim, ele

não se torna objeto de expressão pública. Como bem observa o autor, este silêncio deriva, dentre outras coisas, da tentativa de evitar a dor, situações desagradáveis, mal-entendidos ou que se corrompam crenças e valores fortemente arraigados. A duração deste estado de negação tende a corresponder ao cálculo pragmático dessas motivações. A remissão a crenças e valores, por exemplo, tende a formar um pacto de silêncio mais durável que a razão de evitar consequências mais triviais no cotidiano. E, ademais, todas essas razões podem se combinar.

Há nessa perspectiva um custo da expressão e da exposição pública das nossas percepções comuns sobre a realidade e potenciais reações e efeitos esperados junto aos públicos. Zerubavel (2006) nos esclarece um ponto importante, que é sobre o que faz com que venhamos nos expressar ou não publicamente sobre aspectos incômodos da realidade. Ele pondera que há um conjunto de “filtros morais”. Não é à toa que na história “A roupa nova do imperador”⁹, o alerta de que o imperador está nu parte de uma criança. Consideremos, portanto, que subjaz um certo cálculo acerca das consequências morais da exposição pública, tanto para quem vocaliza quanto para os públicos que tendem a reagir a essa vocalização.

No caso das mudanças climáticas, a aceitação sobre elas muitas vezes se choca com comportamentos consolidados, levando indivíduos a negar a realidade para preservar um modo de vida relativamente estável. Pode funcionar como mecanismo de defesa em situação de incerteza e ansiedade frente a um problema global complexo e ameaçador. É comum os públicos evitarem deliberadamente discutir o tema, por uma combinação de fatores psicossociais e emocionais. A escala e a complexidade das mudanças climáticas podem gerar desconforto emocional, sentimento de impotência e desmotivação diante de uma questão que parece insolúvel. A própria existência do debate sobre o clima pode despertar emoções intensas, como medo, culpa e ansiedade, especialmente ao confrontar o papel que cada um, individual e coletivamente, desempenha quanto ao problema. Divisões políticas, quando muito agudas e ideologicamente marcadas, agravam esse cenário, criando um ambiente conflituoso que

⁹ A roupa nova do imperador é um conto clássico de Hans Christian Andersen. Fala sobre como a opinião dos outros molda e determina a sua própria opinião. Poucos se atrevem a enfrentar o que os demais vão dizer.

desestimula a manifestação dos públicos na forma de uma controvérsia aberta, podendo haver até mesmo censura e ameaças.

Estudos mostram de forma consistente que simplesmente apresentar fatos sobre o clima não é suficiente para mudar opiniões de maneira confiável. A ciência que comprova o aquecimento global é altamente técnica e, muitas vezes, difícil de compreender para a maioria das pessoas. Como aponta um relatório do Brookings Institute (2017, sp), “os humanos não estão bem preparados para agir em riscos estatísticos complexos”. Mesmo quando as evidências são apresentadas de forma clara e acompanhadas de gráficos convincentes, muitos continuam a negá-las ou simplesmente as ignoram.

Entre as inúmeras razões pelas quais evitamos esse problema está sua enormidade. Não estamos meramente sendo informados de que, a menos que tomemos medidas, nossas identidades serão roubadas, perderemos milhares de reais ou mesmo que isso tirará alguns anos de nossas vidas. O que os cientistas estão nos dizendo é que, se não pararmos de queimar combustíveis fósseis, a raça humana corre o risco de extinção. Podemos compreender uma calamidade potencial se soubermos que ela é inventada e que ficará bem em uma hora e meia. Mas resistimos quando essa calamidade é real, se espalhará por décadas e é de proporções catastróficas que só podem ser evitadas se mudarmos quase tudo sobre a maneira como vivemos.

Pare de dirigir seu carro, comer carne e voar em aviões, nos dizem. Feche a ExxonMobil, a Shell e a British Petroleum. Mova-se rapidamente para construir campos solares e moinhos de vento produtores de energia. Simplesmente escrever essa lista nos deixa totalmente exaustos. O que nos pedem para fazer exigirá esforços gigantescos e enfrentará uma oposição cruel. "Resolver o clima será mais difícil e mais improvável do que vencer a Segunda Guerra Mundial, alcançar os direitos civis, derrotar a infecção bacteriana e enviar um homem à lua, tudo junto", alertam Auden Schendler e Andrew P. Jones (Psychology Today, 2019, sp).

É muito difícil aceitar como real um problema que requer essa magnitude de solução. O problema é tão grande que é quase impensável. Nossas mentes tentam nos salvar da total desesperança, afastando os pensamentos sobre as mudanças climáticas. A

negação entra em ação quando nossas mentes adotam o padrão de autopreservação temporária. Isso coaduna com o pensamento de Zerubavel (2006) sobre a necessidade de evitar a dor presente nos pactos de silêncio, o que nos leva à expressão de desconsideração, que também pode ser observada nos públicos.

Um grupo da Dalla Lana School of Public Health da Universidade de Toronto argumenta que “as ameaças abrangentes de um clima em mudança também podem incitar desespero e desesperança, pois as ações para abordar o 'problema perverso' das mudanças climáticas parecem intangíveis ou insignificantes em comparação à escala e magnitude das ameaças” (Hayes et al., 2018, p. 2, tradução nossa¹⁰). Segundo análise presente no estudo “Raízes Socioeconômicas da Negação e Incerteza sobre as Mudanças Climáticas entre a População Europeia”¹¹ (Lübke, 2022), realizado pela European Sociological Review, acredita-se que os indivíduos possuem um “reservatório finito de preocupações”. Ou seja, as pessoas conseguem focar sua atenção apenas em um número limitado de questões e ameaças percebidas. Qualquer assunto que não faça parte desse grupo acaba ficando fora de sua percepção. Ainda que os psicólogos saibam muito sobre a negação dos sujeitos, eles nunca tiveram que enfrentar um fenômeno nessa escala antes. Milhões de pessoas compartilham o fenômeno da negação climática. Isso claramente não é algo que seja passível de psicoterapia individual ou mesmo de grupo.

O menosprezo, por sua vez, indica a ação de considerar o “elefante” como inferior ou sem importância. Quando alguém demonstra menosprezo pela situação problemática, está manifestando uma atitude de falta de reconhecimento do seu valor de afetação. Essa atitude pode ser expressa por meio de palavras, ações ou comportamentos que visam diminuir ou rebaixar o objeto de seu menosprezo. Contudo, é importante destacar que, neste comportamento, os públicos percebem e reconhecem a presença do elefante na sala, mas agem no sentido de relativizar e minimizar a sua problematização, desvalorizando sua capacidade de afetação. Por exemplo, as pessoas podem subestimar

¹⁰ No original: The overarching threats of a changing climate can also incite despair and hopelessness as actions to address the ‘wicked problem’ of climate change seem intangible or insignificant in comparison to the scale and magnitude of the threats.

¹¹ No original: Socioeconomic Roots of Climate Change Denial and Uncertainty among the European Population.

o impacto em suas vidas, considerando que eles não são diretos e imediatos, preferindo manter hábitos de consumo insustentáveis, como o uso excessivo de plásticos. Esse comportamento também pode ser infundido nos públicos por alguns agentes de influência (organizações, políticos, influenciadores, etc.), principalmente por meio da desinformação, no esforço de disseminar dúvidas e desconfianças nos públicos quanto à situação problemática (Silva, 2017).

Muitos públicos acabam minimizando a gravidade das mudanças climáticas, argumentando que seus impactos são superestimados. Além disso, eventos climáticos extremos – como ondas de calor, tempestades intensas, inundações, secas prolongadas – podem ser interpretados como flutuações naturais do clima, em vez de manifestações de um desequilíbrio climático mais profundo que se dá por diversos fenômenos, como o aquecimento global, como consequência da ação humana. Isso enfraquece a percepção da urgência e da gravidade da situação.

Em artigo publicado em 2020, a Vice analisa 12 argumentos frequentemente utilizados por grupos negacionistas climáticos. Uma das justificativas negacionistas é a ideia de que o aquecimento global é apenas parte de ciclos naturais da Terra, o que conforma uma expressão de menosprezo dos públicos. Contudo, as evidências científicas demonstram que o aumento das temperaturas nas últimas décadas é impulsionado, principalmente, pelas atividades humanas, especialmente pela emissão de gases de efeito estufa (Vice, 2020).

Um estudo mais recente, realizado por pesquisadores do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT, 2022) entre agosto e outubro de 2022, reforçou que entre os 90% de brasileiros que disseram acreditar nas mudanças climáticas, 12% ainda sustentam que o fenômeno acontece por mudanças naturais do clima, não pela ação humana – uma fração preocupante, segundo os autores. De acordo com a Vice (2020), outros confiam que, se o problema fosse realmente grave, governos e empresas já teriam resolvido, sem considerar os interesses econômicos que dificultam ações efetivas. Há também a crença de que uma tecnologia milagrosa surgirá no futuro para reverter os danos, desconsiderando a urgência da redução imediata de emissões.

No que diz respeito ao descomprometimento, os públicos reconhecem o problema, mas demonstram falta de compromisso ou envolvimento em discuti-lo. Isso se manifesta por meio de uma atitude de indiferença, negligência ou desinteresse em relação a uma situação claramente embaraçosa. Esse estado de negação reflete uma espécie de apatia social, influenciada por diversos fatores. A desconfiança nas instituições, especialmente devido à percepção de corrupção ou ineficiência, contribui para esse cenário. Além disso, a sobrecarga de informações, principalmente pela exposição excessiva a notícias negativas, também pode gerar fadiga, desânimo e inação. O individualismo, a fragmentação social e a tendência ao narcisismo nas sociedades contemporâneas também contribuem para essa falta de comprometimento e, como argumenta Han, “nos tornam surdos à voz do outro e contribuem para a perda de empatia. Hoje, muitos celebram o culto do eu, focando apenas em suas próprias performances e autoproduções” (2022, p. 36).

A complexidade e a abstração das mudanças climáticas são fatores que podem dificultar a conexão emocional com o problema, e o seu sentido de afetação, levando públicos a priorizar preocupações mais imediatas e concretas. Além disso, a falta de senso coletivo fomenta a negação da crise climática, ao criar um ambiente onde a responsabilidade individual é diluída e a ação coletiva se mostra difícil.

Quando as pessoas não se sentem conectadas ou responsáveis pelo bem-estar da comunidade ou do planeta como um todo, é mais fácil ser indiferente ao problema. A ausência de um senso de pertencimento pode levá-las a pensar que suas ações individuais não fazem diferença. Sem um senso coletivo, públicos podem acreditar que a responsabilidade pelo problema recai principalmente sobre grandes corporações, governos ou outros países, considerando que suas próprias ações têm pouco ou nenhum impacto. Essa postura é frequentemente expressa em discursos de que ações individuais não fazem diferença ou que as soluções devem vir apenas de governos e empresas, não da sociedade como um todo.

Um argumento negacionista comum, apontado pela Vice (2020), é a comparação entre países, sugerindo que nações como a China, que possuem altas emissões, deveriam ser as únicas responsáveis pela redução. Esse raciocínio ignora a necessidade de uma participação global no enfrentamento das mudanças climáticas e denota um

descomprometimento. Da mesma forma, temos a visão que defende que já é tarde demais para agir. No entanto, reduzir as emissões agora ainda pode prevenir os piores impactos das mudanças climáticas.

A responsabilidade é, assim, deslocada, e a negação do problema é uma forma de evitar a confrontação com a realidade e a necessidade de mudanças. O descomprometimento se reflete na falta de pressão sobre líderes políticos e corporações, com muitos cidadãos evitando cobrar políticas ambientais mais rigorosas ou não participando de movimentos sociais que exigem mudanças estruturais.

Em síntese, as três dimensões de negação aqui discutidas – desconsideração, menosprezo e descomprometimento – revelam que o negacionismo climático não se reduz a um ato isolado de rejeição de fatos, mas se configura como um fenômeno social atravessado por múltiplos fatores e que se constitui naquilo que é expresso ou não pelos públicos.

4 CONSIDERAÇÕES

A compreensão do negacionismo como fenômeno coletivo revela sua complexidade e sua forte interconexão com aspectos sociais, políticos e psicológicos. A partir das teorias sobre públicos e opinião pública, observamos que a negação de evidências amplamente estabelecidas não pode ser explicada apenas como um fenômeno individual, mas deve ser vista dentro das dinâmicas interacionais que estruturam a sociedade e a comunicação no espaço público.

O olhar para o fenômeno da negação a partir da obra de Zerubavel (2006), nos ajuda a entender como determinados grupos evitam reconhecer publicamente fatos incontestáveis. O silêncio deliberado diante de evidências inconvenientes não é apenas um reflexo de ignorância, mas um comportamento estruturado que atende a determinados interesses e se sustenta em mecanismos de proteção psicológica e social. A metáfora do "elefante na sala" é útil para ilustrar como certas realidades, por mais evidentes que sejam, são sistematicamente evitadas no discurso público.

Zerubavel faz uma evidente ligação entre a negação e os pactos de silêncio. Porém, nas outras expressões dos públicos que destacamos, essa ligação não é assim tão mandatória. O silêncio, afinal, é uma forma de negação, mas não necessariamente

ocorre o contrário. Há casos em que a negação terá que ser expressa publicamente, ou seja, será necessário afirmá-la, como contraponto no debate público ou ela própria pode ser denunciada e problematizada. Um pacto de silêncio pode ser perpetuado por fatores sociais e psicológicos, como o medo de represálias, a pressão de grupos de pares ou a internalização de narrativas dominantes. Indivíduos podem optar por não falar sobre certos temas ou eventos para evitar conflitos ou para se conformar às expectativas sociais, contribuindo assim para a manutenção do silêncio e do negacionismo. Nessa perspectiva, a conhecida teoria da “espiral do silêncio” (Noelle-Neumann, 1993), no domínio dos estudos sobre opinião pública, explica bem este mecanismo. Também aqui pode ser aplicada a noção de que o silêncio é uma forma de negação.

Um aspecto importante que observamos é que este pacto de silêncio não existirá apenas pela percepção e vontade dos públicos, como uma decisão própria - ainda que coletivamente pactuada de modo tácito. Isso pode ser induzido e estimulado com base num jogo de influência e persuasão. É preciso lembrar que o campo das relações públicas e da propaganda se especializou em técnicas de influência social que agem sobre os públicos e podem gerar aspectos que interferem em ambas as formas que tratamos aqui, buscando interferir tanto na regulação da expressão no espaço público, quanto nos próprios elementos de percepção dos públicos. No primeiro caso, cuida de orientar os potenciais de fala e de credibilidade no espaço público e no segundo age diretamente sobre os aspectos afetivo-emocionais, sobre o imaginário e, consequentemente, sobre os modos de perceber e interpretar a realidade.

Assim, não se pode negligenciar o papel desse jogo de influência social na constituição do espaço público, tanto quanto sobre o comportamento dos entes privados em público, seja nos aspectos morais que conformam um ambiente para as interações coletivas nesse nível, quanto no que se refere à difusão de imagens e opiniões. Assim, os públicos podem também ter uma percepção totalmente distorcida do objeto ou fenômeno evidente. É quando o elefante pode ser qualquer outra coisa. Também aqui estamos no domínio do engano da mente, onde negamos o que percebemos e eventualmente somos levados não ao silêncio, mas a expressar de modo distorcido o que percebemos.

No caso do negacionismo climático, discutido como exemplo central deste estudo, identificamos diferentes formas de negação, incluindo a desconsideração, o menosprezo e o descomprometimento. Essas expressões dos públicos são reforçadas por interesses econômicos e políticos, bem como por estratégias de desinformação que minam a credibilidade da ciência e dificultam a formação de consensos sociais em torno de ações urgentes. A influência da ideologia na aceitação ou rejeição de informações científicas mostra que as crenças pessoais e coletivas desempenham um papel significativo na percepção da realidade. A negação não apenas mascara a realidade, mas também molda a forma como os públicos se posicionam (ou deixam de se posicionar) diante de um desafio civilizatório urgente. Reconhecer tais variantes é, portanto, fundamental para compreender os obstáculos à mobilização coletiva e à construção de uma consciência pública capaz de enfrentar a crise climática de modo consistente e transformador.

A insistência em narrativas distorcidas não apenas promove a negação, mas favorece coletivamente a desmobilização social, o que agrava ainda mais os desafios globais da crise climática. Em termos de opinião pública, o viés de confirmação e a seletividade na interpretação de informações reforçam essa dinâmica, dificultando a superação do negacionismo. O estudo das expressões negacionistas dos públicos nos leva a reconhecer que combater esse fenômeno exige mais do que apenas a apresentação de fatos científicos. A disseminação de informações deve ser acompanhada de estratégias que levem em conta as motivações psicológicas e sociais por trás da negação, no comportamento dos públicos, considerando seus valores, suas identidades e crenças.

A superação do negacionismo exige um esforço coletivo que vai além do campo acadêmico e científico. É necessário que instituições, governos, mídia e sociedade civil operem juntos para promover um ambiente informacional mais saudável, baseado no incentivo ao pensamento crítico e na valorização do conhecimento. O enfrentamento do negacionismo climático, em particular, requer políticas públicas assertivas, educação ambiental e uma comunicação estratégica que fortaleça o engajamento social. Apenas dessa forma poderemos romper os pactos de silêncio que perpetuam a inação e construir respostas eficazes para os desafios do século XXI.

Enfim, as três dimensões da negação aqui propostas — desconsideração, menosprezo e descomprometimento — oferecem um quadro analítico promissor para futuras investigações empíricas sobre diversas controvérsias e assuntos correntes na opinião pública, ressaltando que não são em si categorias mutuamente excludentes. Elas podem ser operacionalizadas, por exemplo, por meio de análise de conteúdo em redes sociais, identificando postagens e comentários que evidenciem evitamento do tema, minimização de sua gravidade ou deslocamento de responsabilidade. Da mesma forma, estudos sobre propaganda político-ideológica podem tratar em profundidade de campanhas de influência, mapeando estratégias retóricas que reforcem essas formas de negação.

REFERÊNCIAS

- BERNAYS, Edward. *Propaganda*. New York: Ig Publishing, 2005.
- BROOKINGS INSTITUTE. David G. Victor, Nick Obradovich, and Dillon J. Amaya (18/09/2017). Why the wiring of our brains makes it hard to stop climate change. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/why-the-wiring-of-our-brains-makes-it-hard-to-stop-climate-change/>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- COHEN, Stanley. *States of Denial: Knowing about Atrocities and Suffering*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira, Vol. XIX: [1923-1925]. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do Agir Comunicativo: Racionalidade da ação e racionalidade social*. V. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HAYES, Katie.; BLASHKI, G.; WISEMAN, J.; BURKE, S.; REIFELS, L. Climate change and mental health: risks, impacts and priority actions. *International Journal of Mental Health Systems*, 12, 28, 2018, p. 1-12.
- HENRIQUES, Márcio S. As organizações e a vida incerta dos públicos. In: MARQUES, Ângela C. S.; OLIVEIRA, Ivone de L.; LIMA, Fábila P. (Orgs.). *Comunicação Organizacional: vertentes conceituais e metodológicas*. v. 2. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2017.
- HENRIQUES, Márcio S.; SILVA, Daniel R. Os públicos e sua abordagem comunicacional: bases conceituais. In: HENRIQUES, Márcio S.; SILVA, Daniel R. (orgs.). *Públicos em movimento: comunicação, colaboração e influência na formação de*

públicos. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 25-48.

INCT-CPCT. Sumário Executivo - 3ª Onda da Pesquisa. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://inct-cpct.fiocruz.br/publicacoes/>. Acesso em: 13 abr 2025.

LÜBKE, Christiane. Socioeconomic Roots of Climate Change Denial and Uncertainty among the European Population, *European Sociological Review*, Volume 38, Issue 1, February 2022, Pages 153–168,

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. The spiral of silence: public opinion, our social skin. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

PIMENTA, Laura N. Sobre públicos, elefantes e situações embaraçosas. In: HENRIQUES, Márcio S.; SILVA, Daniel R. (orgs.). *Públicos em movimento: comunicação, colaboração e influência na formação de públicos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 235-260.

PIMENTA, Laura N.; HENRIQUES, Márcio S. O elefante na sala: dinâmicas do silêncio e obstáculos à efetivação da cidadania no problema da exploração sexual infantojuvenil. *Revista Compolítica*, vol. 9(3), 2019, p. 39-62.

PIMENTA, Laura N.; HENRIQUES, Márcio S. Do Elefante na Sala à Quebra dos Silêncios: Mudanças na Dinâmica de Visibilidade da Operação Lava Jato. *Revista Internacional de Relaciones Públicas*. v. 14, n. 27, 2024. p. 145-160.

PSYCHOLOGY TODAY. Sara Gorman, Ph.D., MPH, and Jack M. Gorman, MD (12/01/2019). Climate Change Denial: Facing a reality too big to believe. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/denying-the-grave/201901/climate-change-denial>. Acesso em: 7 fev. 2025.

SILVA, Daniel R. Relações Públicas, ciência e opinião: lógicas de influência na produção de (in)certezas. 2017. 339f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

VICE. (25/09/2020) The 12 Arguments Every Climate Denier Uses – and How to Debunk Them. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/the-12-arguments-every-climate-denier-uses-and-how-to-debunk-them/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

ZERUBAVEL, Eviatar. *The elephant in the room: silence and denial in everyday life*. New York: Oxford University Press, 2006

Original recebido em: 23 de agosto de 2025

Aceito para publicação em: 17 de outubro de 2025

Laura Nayara Pimenta

Professora adjunta do Curso de Relações Públicas e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com período sanduíche na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, e mestre pela UFMG. Possui bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pelo Centro Universitário Newton Paiva. É Vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Baleia - Laboratório de Estudos em Comunicação, Organizações e Narrativas do Capitalismo.

Márcio Simeone Henriques

Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional